

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E A ILHA: AS FACES COMPLEMENTARES DO ROMANTISMO ANTICAPITALISTA DE ALDOUS HUXLEY

Evanir Pavloski (UEPG)

RESUMO: O século XX foi marcado por vertiginosas transformações nas estruturas socioculturais então vigentes, aspecto que configurou momentos históricos tão distintos no mesmo período que levou Eric Hobsbawm a caracterizá-lo como a “era dos extremos”. Em tal contexto, os processos de percepção, cognição e fabulação do tempo presente encontraram na aparente fluidez da modernidade seu objeto e seu desafio. Nesse caleidoscópio de composições lingüísticas e temáticas, uma perspectiva estético-literária se revela peculiar em sua recuperação do passado, sua problematização do presente e sua projeção do futuro: o romantismo anticapitalista, conforme a denominação de Lukács. Se, por um lado, os autores dessa corrente buscavam em suas obras, desde o século XIX, um retorno a estruturas pré-capitalistas idealizadas; por outro lado, suas retóricas denotavam a preocupação não apenas com a consolidação do racionalismo capitalista, mas também com o destino das sociedades orientadas por tal ideologia. Recorrentemente, alguns desses escritores flertaram com os limites do gênero utópico. Neste grupo, encontramos Aldous Leonard Huxley, autor britânico cuja produção ficcional e ensaística sempre foi pautada por uma profunda preocupação social. Romântico tardio assumido, Huxley recorreu em diferentes momentos de sua carreira ao gênero utópico como forma de veicular suas ideias e suas inquietações. No presente trabalho, propõe-se a análise de dois destes momentos criativos, os quais nos parecem particularmente emblemáticos da visão romântica e anticapitalista do autor: as escrituras das obras *Admirável mundo novo* (1932) e *A ilha* (1962). Ainda que separados por trinta anos, os romances revelam por meio das figurações, respectivamente, de uma antiutopia e de uma utopia a crítica de Huxley ao capitalismo, diretamente responsável pela concretização daquela e a destruição desta.

Palavras-chave: Utopia. Antiutopia. Romantismo anticapitalista. Huxley.

1. Introdução

Nascido em 26 de julho de 1894, Aldous Leonard Huxley provém de uma tradicional família inglesa, na qual se incluem figuras célebres como o biólogo Thomas Henry Huxley e a romancista Humphrey Ward. A herança cultural do autor, assim como o ambiente intelectual de sua infância e adolescência – no qual conviveu com artistas como Katherine Mansfield e Roger Fry – produziram efeitos aparentes nos rumos tomados por sua vida e por sua literatura. A participação direta ou indireta do jovem Huxley nos debates críticos que ocorriam em sua casa parecem terem lhe atribuído um sentimento agudo de comprometimento intelectual e moral, que pode ser percebido em

suas produções ficcionais e ensaísticas. Entretanto, o seu ponto de vista progressivamente se tornou destoante dos discursos legitimadores do poder social da burguesia.

Em *Admirável mundo novo*, por exemplo, a forma ambivalente com a qual a classe dominante é figurada pode ser vista como uma consequência desse processo. A rígida estrutura social apresenta semelhanças com a Inglaterra do início do século XX, onde aos membros da chamada “rulling class” pareciam caber o direito e o dever de conduzir o destino de toda a nação. Conforme sua bibliografia se ampliava, delineavam-se, ao mesmo tempo, uma clara preocupação com a desigualdade social e uma visão otimista das possibilidades humanas de criar uma sociedade mais justa.

A produção literária de Aldous Huxley é vasta, englobando poemas, ensaios, romances, contos, roteiros cinematográficos e peças de teatro. O autor publicou ao todo 47 livros e recebeu apreciações críticas variadas. Anthony Burgess, por exemplo, afirmou que Huxley equipou o romance com um cérebro. Por outro lado, alguns críticos insistiam que o escritor era melhor ensaísta do que romancista, uma vez que seus textos ficcionais privilegiavam as temáticas em detrimento dos recursos estéticos.

Entretanto, o próprio autor entendia que a ficção possibilita a conciliação de ambos os aspectos. Em outras palavras, os temas deveriam emergir naturalmente (e de forma clara) da estrutura artística para se revelarem como elementos do mundo experimental no qual o leitor se debruça sobre a obra.

Ao longo de sua carreira, o engajamento sociopolítico de Huxley assumiu contornos estético-literários múltiplos, abrangendo desde o experimentalismo inicial, exemplificado pela aproximação entre escrita e música no romance *Contraponto* de 1928, até o idealismo metafísico de seus textos tardios, como por exemplo, como na coletânea de ensaios *Céu e inferno* de 1956.

O utopismo se destaca como elemento marcante das reflexões mais profundas desenvolvidas pelo autor em sua produção romanesca. Em seus escritos utópicos, Huxley encontra o ponto de convergência entre a crítica não só social, mas também humana, e a liberdade imaginativa. Seja por meio do cenário antiutópico e, de certa forma, aterrador de *Admirável mundo novo*, publicado em 1932; seja por meio da idealização de uma comunidade, ao mesmo tempo, harmoniosa e frágil em *A ilha*, de 1962, o autor problematiza os rumos, ideais e ídolos da modernidade sob a égide do capitalismo.

Dessa forma, é possível afirmar que as duas obras não são diretamente opostas em termos retóricos, mas complementares no esforço de Aldous Huxley em produzir, por via literária, a análise crítica de alguns dos processos de transformação social da era moderna.

Chegamos assim ao horizonte metodológico sob o qual desenvolveremos nossa breve análise comparativa dos dois romances de Huxley: aspectos do pensamento e da estética do Romantismo oitocentista presentes nas obras do *corpus*. Tendo em vista a extensão do presente trabalho, exporemos apenas alguns pontos de intersecção entre as duas obras que permitem comprovar não apenas a complementariedade ao qual nos referimos, mas também a vinculação a um tipo de discurso anticapitalista caracteristicamente romântico.

2. Utopia e antiutopia

Para que a classificação genérica dos romances abordados seja clara é necessário discorrer brevemente sobre as noções de utopia e antiutopia na literatura.

O utopismo como posicionamento crítico diante da realidade experimental é recorrente em diferentes áreas do pensamento e se converteu ao longo da história nos mais variados gêneros textuais, inclusive aqueles considerados não-ficcionais. Tomamos emprestadas as palavras de Aleksander Swietochowski para melhor caracterizar, primeiramente, a utopia como o resultado de uma corrente do pensamento humano mais geral.

A utopia como a forma ideal de relações sociais é elemento o mais generalizado no mundo espiritual. Faz parte de todas as crenças religiosas, teorias morais e legais, sistemas de educação, criações poéticas, em uma palavra, de todo conhecimento e obra que visam oferecer modelos para a vida humana [...] Na imensa escala que se estende por toda a história da cultura, desde as fantasias do nômade selvagem até as reflexões do filósofo moderno, encontra-se uma infinidade de versões da utopia. (SWIETOCHOWSKI In: SZACHI, 1972, p. 8)

Contudo, a obra que não somente introduz o termo utopia, mas também define os parâmetros de um novo gênero é caracteristicamente ficcional. Ao descrever uma sociedade entendida como modelar em *Sobre o Melhor Estado de uma República que Existe na Nova Ilha Utopia* (ou simplesmente, *A utopia*), Thomas More lança, em 1516,

as bases do que viria a se denominar de literatura utópica. Em termos gerais, os utopistas figuram espaços considerados modelares, nos quais as imperfeições do universo experimental teriam sido corrigidas. A descrição dessas comunidades ficcionais sempre envolve dois tipos de distanciamento do real que são mutuamente complementares. Se por um lado, as utopias sempre apresentam um deslocamento espacial ou temporal da realidade reconhecível no momento de sua publicação; por outro lado, há também um afastamento crítico da sociedade empírica do autor. Em outros termos, ao se afastar ficcionalmente da realidade sincrônica e figurar um núcleo social que alcançara a perfeição, o utopista consegue estruturar um discurso que questiona profundamente as estruturas sociais de sua época.

O autor d'*A Utopia* é filho de seu tempo, cujos limites reproduz; sua qualidade de humanista, seu conhecimento prático de direito e economia, o nascimento do capitalismo mercantil permitiram-lhe não só criticar o novo modo de produção, mas também desenhar as grandes linhas de um modo de produção superior, destinado a suplantar o capitalismo. Conforme a lógica de uma leitura historicista, até mesmo se remete *A Utopia* à vontade de encontrar uma solução fantástica para contradições que a imaturidade do tempo não permitia resolver. (ABENSOUR, 1990, p. 78)

Tendo a obra de More como uma de suas referências, diversos autores contribuíram ao longo dos séculos para a progressão numérica e para a popularização do gênero utópico. Dentre a multiplicidade de obras que contribuíram para esse processo, citamos apenas algumas das mais conhecidas: *A cidade do sol* (1602) de Tommaso Campanella, *A nova Atlântida* (1624) de Francis Bacon, *Viagem a Icária* (1840) de Ethienne Cabet, *The coming race* (1871) de Edward Bulwer-Lytton, *Erewhon* (1872) de Samuel Butler, *Looking backwards* (1884) de Edward Bellamy e *News from nowhere* (1890) de William Morris.

Não obstante a sua profusão de títulos e a sua variabilidade de temas e estéticas, o gênero utópico apresenta algumas características intrínsecas que se tornam objeto de vigorosa crítica. As mudanças socioculturais que marcaram a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX geraram perspectivas analíticas marcadas pela relativização do utopismo tradicional e pelo ceticismo em seu caráter transformador.

Nos fins de séculos, os imaginários da sociedade apontam para futuros apocalípticos ao mesmo tempo em que para a esperança de um mundo novo renascendo das cinzas. Os autores dessas narrativas articulam

convenções compartilhadas apropriando-se dos diferentes discursos que circulam na sociedade e negociam suas resignificações com as práticas sociais vigentes no seu contexto. (IZARRA, 2001, p. 7)

Surgem então, no início do século XX, obras satíricas denominadas de antiutopias, cujo objetivo é figurar uma arquitetura social que pode ser considerada como uma subversão dos idílios até então descritos pelos utopistas. É possível entender esse processo de contestação a partir de três fatores. Primeiramente, um considerável grau de pessimismo nas gerações do início do século passado, que presenciaram eventos como, por exemplo, a consolidação do capitalismo, a Primeira Guerra Mundial e a deturpação instrumentalista de diferentes discursos revolucionários. Em segundo lugar, a matriz autocrática que sustenta, na visão desses críticos, as produções utópicas, uma vez que uma noção subjetiva de modelo social é universalizada como sendo desejável para todas as comunidades, independentemente de suas particularidades histórico-culturais. Finalmente, a dependência para o funcionamento e o equilíbrio das sociedades da colaboração efetiva de seus membros que, para alcançar a estabilidade social, renunciam de parte de sua liberdade individual. Para que tal condição seja garantida, é necessária a criação de um aparelho estatal de condicionamento, vigilância e punição dos sujeitos, aspecto que atribui características autoritárias aos espaços utópicos.

Além disso, a consolidação do racionalismo capitalista como base estrutural da maioria das sociedades no século XX também potencializou o ponto de vista crítico (e, de certa forma, cético) de alguns escritores sobre as possibilidades de realização utópica na modernidade.

Daí o protesto – e as antiutopias – de Aldous Huxley, Orwell ou Zamiatin (na Rússia do início da década de 1920), que pintam um quadro horripilante de uma sociedade sem atritos em que as diferenças entre os seres humanos são, tanto quanto possível, eliminadas, ou pelo menos reduzidas, e o padrão multicolorido dos vários temperamentos, inclinações e ideais humanos – em suma, o próprio fluxo da vida – é brutalmente reduzido à uniformidade, aprisionado em uma camisa-de-força social e política que fere e estrofia, terminando por esmagar os homens em nome de uma teoria monística, do sonho de uma ordem perfeita e estável (BERLIN, 1991, p. 48-49).

Dentre os membros desse grupo, destacamos Aldous Huxley não apenas pela sua obra distópica, mas também pela sua filiação a uma tendência reacionária do século XIX: o romantismo anticapitalista.

3. O flerte com a utopia na contramão do capitalismo

A denominação dada a essa corrente crítica e estética é discutida amplamente na obra *Romantismo e política* de autoria de Michael Löwy e Robert Sayre e publicada em 1993. Segundo eles, as recorrentes frustrações com os projetos utópicos do século XIX e a rejeição de uma realidade tida como essencialmente materialista formam as raízes históricas dessa tendência romântica tardia. Ainda segundo os autores, esse posicionamento de revolta contra o presente já pode ser verificado no Romantismo dos meados dos Oitocentos, o que justificaria a sua denominação.

Na fonte dessa visão há uma reação de hostilidade à realidade atual, uma recusa quase total, e, frequentemente, de grande intensidade afetiva, do presente. Tal atitude extremamente crítica do real no presente determina os outros elementos da temática. Para definir o romantismo, fez-se muitas vezes uma enumeração ou uma configuração de temas presentes de maneira abstrata e atemporal, sem se compreender que os aspectos que parecem ser os mais puramente espirituais ou intelectuais estão estreitamente ligados à temporalidade. O romantismo começa como revolta contra um presente concreto e histórico (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 20).

Obviamente, no caso dos autores que se incluem no Romantismo anticapitalista, esse sentimento de decepção e revolta é ao mesmo tempo complementado e potencializado pelo testemunho da rápida propagação dos ideais do capitalismo, materializada em eventos como as revoluções de 1848 e as consequências da segunda Revolução Industrial. Diante desse quadro, tornava-se evidente para esses autores que a era das utopias encontrava termo no tempo presente. À guisa de exemplificação dessa corrente, podemos citar autores como os de Ferdinand Tönnies, Oscar Wilde, Tolstoi e Thomas Mann. A lista acima pode causar estranheza e soar anacrônica devido ao fato de incluir autores que produziram suas obras em fases posteriores à escola romântica. Entretanto, Löwy e Sayre consideram que, tratando-se uma tendência estética, o Romantismo anticapitalista não está necessariamente restrito ao século XIX. Segundo eles,

Nenhuma das datas de encerramento que foram propostas para delimitar o fenômeno da visão romântica anticapitalista é aceitável: nem 1848, nem a virada do século, marcam o seu desaparecimento ou mesmo a sua marginalização. É também o que acontece com o romantismo nas artes: se no século XX os movimentos artísticos deixam de denominar-se assim, não é menos verdadeiro que correntes tão importantes como o

expressionismo e o surrealismo estampam o selo profundo da visão romântica. Se nossa hipótese – que a visão romântica é por essência uma reação contra as condições de vida na sociedade capitalista – se justifica essa visão se estenderia ao próprio capitalismo (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 19-20).

Um aspecto profundamente interessante na literatura desses autores é o repúdio à realidade do capitalismo deflagrar um movimento de afastamento que, em grande medida, recupera as elaborações dos utopistas tradicionais. E aqui se revela algo interessante: o aparente desgaste das utopias não redundava no seu abandono, mas na sua rearticulação em novas formas de expressão e problematização. Como afirma o professor Paulo Soethe,

A visão de intelectuais anticapitalistas românticos caracteriza-se pela perda, pela convicção de que faltam ao real certos valores essenciais que foram alienados. Muitas vezes essa alienação é vivida como exílio e a atitude geral vem marcada pelo desejo intenso de reencontro de um lar perdido, sob o signo da nostalgia. Anseia-se por um passado anterior ao capitalismo, e a idealização desse momento pode transformá-lo em utopia. É dessa forma que o passadismo romântico pode representar um olhar para o futuro (SOETHE in CODATO, 2006, p. 34).

No caso específico de Aldous Huxley a visão romântica se mostra mais consistente nos dois romances em que o utopismo literário é a marca indelével. Como veremos, no entanto, não se tratam de obras que contestam a realidade nos moldes tradicionais, mas que privilegiam a rearticulação e o questionamento de suas bases.

4. Os pesadelos idílicos de Huxley

O romance *Admirável mundo novo* foi amplamente reconhecido como uma antiutopia que figura um futuro sombrio para a humanidade. Em um espaço ficcional predominantemente harmonioso e livre de vários dos problemas sociais que marcaram (e ainda marcam) as sociedades históricas, Huxley explora a perda da individualidade e o condicionamento dos indivíduos como os contrapontos das utopias progressistas. A própria escolha do gênero de sua obra já pode caracterizá-lo como um romântico anticapitalista, uma vez que, como sustenta Martin Schäffer,

Além da sua óbvia função como uma “super arma do anticomunismo”, é essa influência romântica que deu à antiutopia o seu nome e a sua reputação reacionária. Não há dúvida sobre a extensão da influência

romântica. A própria atmosfera da antiutopia é aquela do horror gótico, apenas levemente ocultado em *Admirável mundo novo* pela ironia de Huxley e devorando tudo em 1984 (SCHÄFER, 1979, p. 291).

Todavia, apenas a sua vinculação a um tipo de sensibilidade romântica não nos parece esgotar a questão. É preciso salientar que a sociedade figurada no romance, em seu caráter prospectivo, também corresponde a uma extrapolação de ideologias e mecanismos de poder que Huxley entendia como inerentes ao racionalismo capitalista. Em outras palavras, o deslocamento temporal na obra não atende ao princípio de descrever um núcleo social a ser contrastado positivamente com o real, mas projetar os desdobramentos efetivos de um progresso histórico alicerçado no capitalismo. Como afirma Jenni Calder, “the social structure of society is based entirely on production and consumption. It is a logical extension of the capitalist consumer society that Huxley experienced in the 1920’s”¹ (CALDER, 1976, p. 54).

Assim, a dimensão retórica em *Admirável mundo novo* é construída pela apropriação do próprio discurso racionalista a ser criticado e pela representação das possíveis consequências de sua constante expansão. O caráter reacionário do romance de Huxley se define pela rejeição de uma possibilidade de futuro consolidado pela manutenção das tendências socioeconômicas de seu tempo. “Once again, utopian hope for a rational society had to take on an irrational form. Since technological and social progress had been confused, since reason had seemingly become the instrument of institutionalized unreason, the antiutopians had to speak up for true reason by way of speaking up for irrational things”² (SCHÄFER, 1979, p. 292).

Dentre os diversos exemplos do irracionalismo institucionalizado que são figurados no romance, destacamos o consumismo desenfreado, a rígida hierarquização das castas delimitadas geneticamente, a instrumentalização da ciência como mecanismo de controle dos indivíduos, a banalização do sexo como artigo compensatório da alienação social, o controle estatal das formas populares de cultura e a distribuição de fármacos como meio de potencialização do bem-estar individual e coletivo.

Em uma série de ensaios publicados em 1959, sob o título *Retorno ao Admirável mundo novo*, Huxley reafirma várias posições críticas assumidas no romance

¹ Tradução livre: A estrutura social da sociedade é baseada inteiramente na produção e no consumo. É uma extensão lógica da sociedade capitalista e consumidora que Huxley conheceu nos anos 20.

² Tradução livre: Uma vez mais, a esperança utópica de uma sociedade racional tem que assumir uma forma irracional. Uma vez que a tecnologia e o progresso social foram confundidos, uma vez que a razão aparentemente se transformou no instrumento institucionalizado da anti-razão, os antiutopistas tinham que falar em nome da verdadeira razão por meio da fala de coisas irracionais.

de 1932, chegando a afirmar que a evolução de algumas tendências discutidas quase três décadas atrás se deu de forma mais acelerada do que ele esperava.

Em 1931, quando o *Admirável mundo novo* estava para ser escrito, achava-me convencido de que restava ainda muito tempo. A sociedade completamente organizada, o sistema científico de castas, a abolição da vontade livre através de um condicionamento comedido, a servidão que se tornara aceitável através de doses regulares de felicidade artificialmente transmitidas, as ortodoxias propagadas em cursos noturnos ministrados enquanto se dorme – estas coisas aproximavam-se tais eu as dizia, mas não chegariam no meu tempo, nem mesmo no tempo de meus netos (...) As profecias feitas em 1931 estão para realizar-se muito mais depressa do que eu calculava (HUXLEY, 2000, p. 15, 16).

Apesar disso, é imprescindível reafirmar que a sociedade figurada no romance não é também um exemplo de pura negatividade. É preciso considerar que nesse espaço não há problemas como miséria, fome, guerra e doença. Uma vez que a desigualdade é programada geneticamente, não ocorrem revoluções violentas e os indivíduos são condicionados a apreciar a posição que ocupam e as tarefas que lhe são destinadas. Ao relativizar um juízo maniqueísta de seu espaço ficcional, Huxley problematiza a própria essência da utopia e, conseqüentemente, da antiutopia. Se, por um lado, o utopismo tradicional oferece um modelo social no qual o indivíduo é forçado a se encaixar; por outro lado, a distopia força o indivíduo a se encaixar em um molde que possibilitará um modelo social. Nesse sentido, é possível inclusive afirmar que o limite entre os dois conceitos perde a nitidez.

Assim, pode causar surpresa o fato de Huxley produzir uma utopia aparentemente tradicional no final de sua carreira. É verdade que *A ilha*, última obra do autor, remete, desde o seu título, aos arquétipos encontrados na tradição da literatura utópica. No entanto, acreditamos que o romance deva ser analisado sob duas perspectivas diferentes: a primeira delas de ordem mais imanentista e a segunda de caráter comparativista, que insere o texto em um projeto literário e intelectual mais amplo do autor.

Inegavelmente, a descrição da idílica ilha de Pala no romance tem a função de delinear uma estrutura modelo que contrasta drasticamente com as sociedades capitalistas da década de 60. Nesse sentido, a obra estabelece o mesmo mecanismo de contraste que, como vimos, compõe a dimensão retórica das utopias tradicionais. Em Pala, há um profundo respeito pela natureza e a busca por uma existência simbiótica dos

indivíduos com o meio, uma recusa generalizada ao acúmulo de bens, um processo educacional que objetiva o exercício pleno das liberdades individuais, um entendimento do ato sexual como forma de ascese, um uso espiritualizado de substâncias psicotrópicas e um apagamento do maniqueísmo cristão em favor de uma forma de religiosidade centrada na experiência direta. Como é possível perceber, essas características não apenas se opõem ao mundo capitalista, tanto intra quanto extradiegético, mas também a diversos aspectos já discutidos em *Admirável mundo novo*. Além disso, é notável a combinação que Huxley faz com elementos da cultura oriental e certas estruturas pré e pós-capitalistas em seu universo ficcional. Tal esforço pode ser justificado pelo interesse do autor em evitar o caráter autoritário e homogeneizador que ele mesmo identificou nas utopias tradicionais.

Contudo, o espaço utópico figurado no texto não é distante, temporal ou espacialmente, das tendências econômicas então vigentes, assim como não é imune às suas influências. Tal configuração qualifica *A ilha*, segundo a tipologia de Jerzy Szachi, como uma utopia escapista com certas características monásticas, ou seja, uma projeção que revela uma profunda frustração com a realidade experimental e que idealiza um *ethos* que tenta preservar seus costumes diante de uma ordem mundial tida como negativa.

Utopias desse tipo são vez por outra elaboradas por indivíduos bem integrados na sua sociedade, que fazem tudo o que ela exige, e que somente no sossego de seu quarto se deixam transportar em viagens para a ilha feliz [...] Em outras ocasiões, não há dúvida, trata-se de indivíduos rebeldes contra a sociedade, mas incapazes de lutar contra ela com sua utopia nas mãos (SZACHI, 1972, p. 23).

Em síntese, a separação espacial de Pala reflete o seu distanciamento do sistema de valores das sociedades que a cercam. Assim, o conflito que dá progressão ao enredo é justamente a incompatibilidade entre o modo de vida da comunidade palanesa e os interesses do racionalismo capitalista. Deriva desse embate o caráter trágico do romantismo anticapitalista do texto, uma vez que no desfecho da obra o modelo social da ilha sucumbe diante das pressões externas contra as quais tentava se resguardar. Dada a riqueza mineral de Pala, a inevitabilidade da sua forçosa integração à ordem mundial é mencionada diversas vezes ao longo da narrativa até que, por meio de uma intervenção militar, o processo de dominação é iniciado efetivamente. Dentre essas

passagens do texto, destacamos a previsão resignada do Dr. MacPhail, uma das personagens centrais da narrativa:

A despeito das diferenças ideológicas, as grandes potências talvez prefiram ver Pala subordinada a Rendang e com o seu petróleo explorado, a vê-la independente, porém sem permitir qualquer exploração. Se Dipa nos atacar, dirão que foi um ato deplorável, porém não levantarão um só dedo para detê-lo. E quando formos dominados e os “homens do petróleo” forem chamados, ficarão realmente deleitados (HUXLEY, 1967, p. 141).

É justamente nesse ponto que a segunda perspectiva ao qual no referimos anteriormente se torna mais evidente. A visão crítica de Huxley em relação ao capitalismo se manifesta não apenas de forma isolada em cada uma das obras do *corpus*, mas também de maneira complementar. A sociedade de *Admirável mundo novo* pode ser entendida, nesse ponto de vista, como o resultado do desenvolvimento de um tipo de racionalismo que inviabiliza a existência de redutos utópicos, especialmente quando há a possibilidade de exploração de matéria-prima e de mão de obra. Em outras palavras, a destruição da sociedade de Pala é um acontecimento exemplar do processo de construção da antiutopia de 32.

De acordo com Löwy e Sayre, há uma categoria específica do romantismo anticapitalista, na qual poderíamos inscrever a retórica de Aldous Huxley nesses dois romances.

Romantismo *resignado* ou “desencantado”, que compreende que o restabelecimento das estruturas pré-capitalistas é impossível e considera, mesmo se lamentando profundamente, que o advento do capitalismo industrial é um fato irreversível ao qual é preciso se resignar. Segundo os autores, esse tipo de romantismo pode dar lugar a uma visão trágica do mundo (contradição insuperável entre os valores e a realidade) ou uma atitude reformista que visa remediar certos males mais evidentes da sociedade burguesa, graças ao papel regulador de instituições de caráter pré-capitalista (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 30-31).

Entretanto, qualquer forma de atitude reformista é mantida na dimensão simbólica das obras, exortando os leitores a buscarem caminhos que se afastem do admirável mundo novo dos sonhos e dos pesadelos de Huxley.

Referências

ABENSOUR, Miguel. *O novo espírito utópico*. Campinas: Unicamp, 1990.

BERLIN, Isaiah. *Limites da utopia: capítulos da história das idéias*. São Paulo: Companhia das Letras: 1991.

CALDER, Jenni. *Huxley and Orwell: Brave New World and Nineteen Eighty-Four*. London: Edward Arnold, 1976.

CODATO, Adriano. (org.) *Tecendo o presente*. Curitiba: SESC Paraná, 2006.

HUXLEY, Aldous Leonard. *A ilha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

_____. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *Retorno ao admirável mundo novo*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

IZARRA, Laura P. Z. de (org). *A literatura da virada do século: fim das utopias?* São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SCHÄFER, Martin. The rise and fall of antiutopia: utopia, gothic romance, dystopia. In: *Science Fiction Studies*, número 19, volume 06, p. 287-295. Greencastle: DePauw University, 1979.

SZACHI, Jerzy. *As Utopias ou a Felicidade Imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.